

**A LITERATURA DE CORDEL NO ENSINO DE GEOGRAFIA**

Dilsom Barros (1); Dra. Vilma de Lurdes Barbosa (3)  
Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários/Outros

**RESUMO**

A literatura de cordel e o repente atuaram como veículo de comunicação de massa responsável pela difusão da cultura popular no interior do nordeste e isso já faz mais um século. Sobretudo a partir dos anos de 1960 este gênero artístico fez despertar o interesse de pesquisadores e educadores para sua utilização em sala de aula como recurso didático-metodológico. Atualmente, pensadores, professores e cordelistas são unânimes com relação a propostas de haver uma necessária *mudança* na educação de maneira que possa contemplar esta cultura nos currículos e planos escolares, obedecendo as especificidades locais desta região do Brasil. Um exemplo disso está no pensamento do cordelista MANOEL MONTEIRO (2007), de Campina Grande, que defende a introdução do cordel nas escolas como mecanismo de educação e valorização da cultura regional. No caso da Geografia, não será nem um obstáculo encontrar conteúdos pertinentes, pois já há um vasto acervo publicado em cordel e que pode ser utilizado como recurso didático em temas de aulas e dinâmicas com o alunado. Facilmente encontramos temas como: atualidades, fenômenos naturais, folclore, lendas, ficção, entre outros, ligados diretamente ao nordeste e a Paraíba, porém longe do acesso ao público estudantil. Porque não associar uma leitura fácil e agradável que é o cordel com esta disciplina que une homem e natureza. Além da preservação da identidade e dos costumes regionais há com isso a socialização do conhecimento, o que pode perpetuar por gerações este estilo artístico-cultural seriamente ameaçado de sofrer um desgaste *criminoso* por parte de modelos modernistas de desenvolvimento e do consumo demorado de culturas exóticas, mostrados na grande mídia brasileira e na internet. É antididático dar ênfase maior ao estudo de lugares distantes, menosprezando a realidade vivida ao redor das escolas e das pessoas que dela usufruem; também é contra os princípios da didática e das boas práticas do saber permitir que os professores continuem desconectados e descontextualizados com a realidade e necessidade de novos olhares. Sem a introdução de novos recursos e a interação cultural somente reforçarão a condição imposta por currículos engessados, pacotes educacionais prontos e formulados para serem aplicados nas “*caixas de memória descartáveis*” dos estudantes. As práticas escolares no nordeste seguem sem o mínimo de entrelaçamento com a sociedade nordestino celeiro das artes nesse país e isso tem acarretado prejuízos na relação com o aluno, na construção do conhecimento coletivo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cultura popular. Literatura de cordel. Ensino de Geografia.

<sup>1)</sup> Bolsista, <sup>(2)</sup> Voluntário/colaborador, <sup>(3)</sup> Orientador/Coordenador, <sup>(4)</sup> Prof. colaborador, <sup>(5)</sup> Técnico colaborador.

## INTRODUÇÃO

A poesia popular prescinde, e muito, o surgimento da escola. Os artistas populares já versejavam animando os *saraus* da alta nobreza na Grécia antiga e no Império Romano. No Brasil, esse gênero poético foi introduzido pelos colonizadores portugueses em meados do século XVIII. Para nosso bel prazer logo surgiram os primeiros poetas repentistas e cordelistas declamadores no interior do nordeste, mais precisamente no sertão paraibano (hoje cidades de Teixeira, Pombal e Mãe D'água). Da poesia matriz lusitana restaram somente as bases, pois os brasileiros herdaram-na e transformaram-na em linguagem popular tal qual a conhecemos hoje. Aqui surgiram novas modalidades, novas regras para os improvisos, as canções metrificadas, as técnicas e diversos estilos poéticos. Uma vez adaptada, e aprimorada, tornou-se genuinamente brasileira. A cada instante se revelavam os novos talentos que construíram novos critérios para os versos com métrica, rima e estrofes bem definidos e consagrados nos estilos das *sextilhas* e *martelos em desafios*. Nos mais de cento e cinquenta anos de poesia no nordeste esta arte enfrentou ascensão e declínios; um dos momentos de auge da Literatura de Cordel foi entre 1950 e 1980, quando ocorreram os grandes festivais de repentistas e declamadores nas principais cidades nordestinas a exemplo de Campina Grande, Recife e Fortaleza.

Nacionalmente os artistas se destacaram na capital paulista, na capital carioca e no Distrito Federal com apresentações nos espaços freqüentados por migrantes nordestinos trabalhadores destes grandes centros.

Entre os propulsores da cultura popular destacamos Leandro Gomes de Barros, José Camelo, Abraão Batista, Patativa do Assaré, João Martins de Ataíde, entre tantos outros anódinos responsáveis pela massificação da literatura de cordel, escrevendo e publicando, em épocas diferentes, mais de três mil títulos juntos. Hoje há no nordeste um acervo histórico de folhetos, espalhados em museus, bancas e livrarias, o que nos leva a repensar uma alternativa para seu uso, e por que não no sistema educacional? Tal é a importância da poesia nas escolas que nos relatos de muitos poetas renomados, esses dizem já terem praticado a literatura de cordel muito antes de freqüentarem a sala de aula. De *cabeça* contavam histórias e lendas para a família reunida e aprenderam a ler e escrever por uma necessidade de transcrever e ampliar seu dom artístico – um dom de Deus –. Ditados populares expressam que o nordestino sabe viver sem escola, pois a sua cultura e seus saberes populares são suficientes para garantir-lhes a paz e o bom comportamento e a vida, e, quando não havia prédios escolares as pessoas eram letradas debaixo de uma árvore, numa cabana ou em casa. À noite, sob a luz de candeeiro ou lamparina, passavam suas poesias e seus contos para um caderno de anotações para que outros também pudessem ler. Assim sabemos da fundamental importância da educação para não deixar perder-se da memória nossa rica expressão cultural.

## DESCRIÇÃO METODOLÓGICA

A adesão de estilos artísticos na educação emerge a partir da união de diferentes vias do conhecimento sob a manutenção da tradição e das regras da poesia popular transformando-a em uma linguagem didático-poética a ser transmitida junto com os saberes geográficos, de maneira que os expliquem. Tornar dinâmica, sucinta e criativa a atividade intra-classe surte um efeito de impacto na vida intelectual do aluno pela musicalidade e arte contida na literatura. Para ZÓBOLI (1998:56) a *“poesia é um instrumento educativo que gera imagens e visões poéticas fictícias, estimula a motivação e inflama, aguça, a imaginação de quem aprende passando a adquirir novas atitudes”*. A mesma enfatiza que *“reescrever é a regra número um para a criação, o aluno é o próprio escritor de expressões culturais sobre o belo, as emoções, os sentimentos, a espiritualidade e a criatividade”* (id:56); em um segundo momento a prática de reescrever a poesia passa a ser do próprio aluno o que o torna capaz de ser, ele mesmo, o produtor dos cordéis, com suas idéias e criatividade fixando o processo de aprendizagem.

## RESULTADOS

Em um poema PATATIVA DE ASSARÉ (2001:18), retrata:

*“Eu nasci ouvindo os cantos  
Das aves de minha terra  
Vendo os belos encantos  
Que a mata bonita encerra  
Foi ali que fui crescendo  
Fui vendo e fui aprendendo  
No livro da natureza  
Onde deus é mais visível  
O coração é mais sensível  
E a vida tem mais pureza”*.

Uma nação se identifica pela sua cultura e sua resistência. Ser nordestino é ser também nação herdeira de inúmeras expressões artísticas que vêm de *baixo*, das massas, do povo. A *terra* que pertence a Jackson do Pandeiro, Luis Gonzaga, Otacílio Batista, Zé Ramalho e tantos outros, é a mesma que serve de palco para os *anônimos* artistas da vida nordestina. Uma vida que peleja é uma vida sertaneja. São estes os que fazem a arte por prazer e vocação, no meio das feiras, nas quermesses ou nas quadrilhas juninas. Tudo isso se passa diante dos nossos olhos, porém parece tão distante e inacessível, forjando uma aparência de ausente ou no mínimo de distância. A arte é apresentação, é alegria e desperta a curiosidade e

o talento gerando atividades artísticas, criatividade e produtividade o que, para a didática, compreende aos pilares dos saberes construídos. Para KELLY (1973:47), “a arte e a vida confundem-se... ...arte é manifestação humana”; acrescenta que é “conseqüência da intuição, da inspiração, ou do instinto, por solicitação do meio, ou a serviço da comunicação, incluindo nesta os processos educativos” (id:47) e assegura que “arte não se deve considerar como um adorno humano, porém como condição de vida e da sociedade”, (id:47). Por isso, pratiquemos a arte, essa sim, enaltece a alma humana. Em todas as oportunidades de apresentação de conteúdos curriculares específicos transformados em poesias de literatura de cordel, o espaço escolar tomou outra feição. Sobre globalização BARROS (2007:08) escreveu em sala de aula:

*O mundo está dividido  
Em países ricos e pobres.  
Dos duzentos e dezoito  
Quinze ou vinte são nobres  
O restante, miseráveis,  
Corruptos, inconfiáveis...  
A riqueza é um tabu,  
Não sei se por azar ou sorte  
Os ricos chamam de norte  
E os pobres chamam de sul.*

Sobre o assunto das coordenadas geográficas BARROS (2005:16), expressa a simplicidade de o aluno adaptar o conteúdo a poesia, escrevendo seu próprio verso:

*Do nível do mar em metros  
A distância é altitude;  
Em graus à Greenwich  
A distância é longitude;  
Seja de qual ponto for,  
Em relação ao equador,  
A distância é latitude.*

Tão simples, porém tão raro o aluno saber localizar-se no planeta; algo pode estar errado no processo ensino-aprendizagem. Com a introdução deste recurso passou-se a perceber uma predisposição de o aluno assimilar o que foi transmitido. Atento, não só absorveu a idéia como também identificou as normas da escrita e de composição da estrofe. A motivação foi óbvia para alguns alunos que logo começaram a desenvolver seus versos, com idéias próprias, uma vez apreendidas as regras do cordel. Junto aos alunos cada tema de aula resulta

em pelo menos um verso composto em coletividade. Sobre o conflito por água no nordeste na aula planejada sobre movimentos sociais no campo o resultado do verso foi fantástico:

*Água não tem sabor de água  
 Ao menos aqui no norte.  
 Uma lata ou um galão,  
 Ao povo é negada a sorte.  
 Água, aqui tem gosto de sangue,  
 E sua cor é a cor da morte.*

A seguir, exemplos da publicação de temas geográficos em formatos de folheto de cordel:



Figura 1. Cordel sobre corrupção no Brasil.



Figura 2. Cordel 1º astronauta brasileiro.

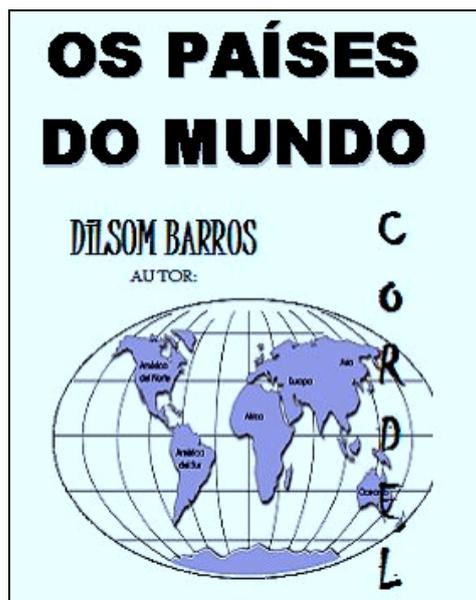


Figura 3. Cordel sobre Países do mundo.



Figura 4. Cordel sobre a Transposição .

É por esta e outras razões que se deve resgatar e preservar a cultura regional, sobretudo entre as crianças, os jovens, e as pessoas em geral, para criar uma familiaridade e uma maior articulação entre cultura e sociedade com ações comuns que irão, através da arte, multiplicar e desenvolver o interesse por este potencial artístico-cultural ainda muito pouco conhecido. Assim pensa o escritor cordelista MANOEL MONTEIRO (2007), de Campina Grande, que defende a introdução do cordel nas escolas como mecanismo de educação e valorização da cultura regional. Sua proposta, denominada de o *Novo Cordel*, significa a união dos conhecimentos pós-modernos e acontecimentos da atualidade com a poesia, aplicada no sistema pública de ensino, o que transformaria a arte num ato curricular educacional. Certamente este é um caminho que contém difícil de ser percorrido, mas estes podem ser os primeiros passos para jornada se iniciar. Sabemos que há uma gama de valores a serem agregados e a espera dessa *nova educação*; para isso há um vasto acervo já publicado em cordel e que pode ser utilizado como temas de aulas e de dinâmicas nas escolas. Porque não associar uma leitura fácil e agradável que é o cordel com os assuntos da disciplina? Segundo OLIVEIRA (1993:17), “Isso não ocorre porque há um distanciamento entre o aluno e o professor, perdendo o elo de ligação”,. O mesmo segue afirmando que “a geografia dos livros didáticos está ultrapassada, superada, sem nada pôr em questão; sem introdução de novos recursos, o que há é uma repetição do que já foi escrito” (id:17); e conclui alertando que “deve-se ensinar o vivido ao redor da escola; adotar uma postura de interação regional-cultural” (id:17). Além da socialização do conhecimento este ato pode perpetuar por gerações e gerações um estilo artístico-cultural que está cada vez mais esquecido e seriamente ameaçado de extinção. A Literatura de Cordel vem sofrendo um desgaste criminoso por parte do modelo modernista de desenvolvimento e do consumo de culturas exóticas de forma demasiada pela sociedade nordestina, sem apresentar a menor preocupação com a importância, a identidade e a preservação dos costumes artísticos regionais. BARROS (2005:02), sobre as origens da literatura de cordel escreveu:

Fazer arte em cordel  
Tem origem milenar  
Surgiu na Grécia antiga,  
Foi pra Europa enfeitar  
As cortes mais importantes...  
No Brasil os imigrantes  
A Tornaram popular

O projeto *Conexões de Saberes: diálogo entre a universidade e as classes populares*, tem a preocupação de criar identidade e inovar o ensino de Geografia a partir da utilização da arte e dos valores que cada indivíduo possui. Com isso abre espaço para a Literatura de Cordel, que ganhar sua real dimensão: atuar como instrumento de ligação com a comunidade no exercício de sua função sócio-cultural. Manter o professor desconexo e descontextualizado

com a realidade significa um retrocesso no processo ensino-aprendizagem. BARROS (2005:12) esclarece que o professor deve usufruir dos avanços tecnológicos disponíveis atualmente para a difusão das informações em cordel o que é fundamental para um campo de abrangência universal...

Chegamos 2007...  
Século da Era Moderna...  
Celular e Internet,  
A informação alterna,  
É a chance pr'o Cordel  
Cumprir um novo papel  
Vivendo a cultura eterna.

## CONCLUSÃO

Não podemos mais admitir que o sistema educacional atue de forma separada da realidade em nossa sociedade e, principalmente, das práticas e atividades culturais de cada região. As especificidades de cada lugar podem, e devem, fazer parte do cotidiano curricular da escola. No caso do nordeste do Brasil, ainda é muito raro uma escola adotar uma técnica diferenciada que envolva aspectos culturais da região para reforçar o processo de ensino-aprendizagem e a valorização da cultura local. Desenvolver, no aluno, vínculos com os costumes da sua "gente", de sua "terra" é reorientá-lo para perspectivas futuras em relação ao conhecimento. Quando ocorre uma inovação didática é simplesmente por que o professor, assumindo sua condição de poeta amador, e/ou admirador da poesia, enxergando nesta ação uma alternativa de transposição dos múltiplos conhecimentos, toma este tipo de iniciativa por uma questão específica dele, um talento pessoal, um dom, trazido para o contexto escolar e que ele próprio argumenta e não abre mão deste recurso didático-metodológico nas suas aulas (isso indecorre da disciplina que ministra, seja Matemática, Biologia, Português, etc.). Para o professor/geógrafo, sendo ele ainda um poeta cordelista, não há dúvidas de que serão bem diferentes suas atividades com seus alunos. Há conteúdo para isso e podem ser criados novos temas pelos alunos sob orientação do mesmo e/ou em ação intermultidisciplinar com os professores como, por exemplo, os professores de Letras, de História, etc. Isso pode gerar interesse e despertar o aluno para a valorização de sua comunidade e a convivência familiarizada com a cultura regional/local, articulando diferentes combinações culturais sob domínio dos meios populares.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AYALA, Maria Ignez Novais. *No arranco do grito* (aspectos da cantoria nordestina). São Paulo: Ática, 1988. 248p.

BARROS, Dilsom. *A literatura de cordel no ensino de geografia*. Anais do X Encontro de Ensino Pesquisa e Extensão da UFPB, 2007.

\_\_\_\_\_, *O projeto conexões de saberes na Paraíba* (Literatura de Cordel). João Pessoa: Alternativa, 2005. 16p.

KELLY, Celso Otávio do Prado. *Escola nova para um tempo novo*, rio de Janeiro: José Olympio, 1973. 192p. (Coleção Didática Dinâmica)

LOPES, Ribamar (org. e notas). *Literatura de cordel: antologia*. Fortaleza: BNB, 1982. 704p.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (org.). *Para onde vai o ensino da geografia?* 6ª ed. São Paulo: Contexto, 1998. 114p.

PAIVA, Jailton. *Cordel*. João Pessoa: JB, 2000. 91p.

PATATIVA DO ASSARÉ. *Digo e não peço segredo*. São Paulo: Escrituras, 2001. 130p.

WANDERLEY, Alba Cleide Calado; SEVERO, Ione dos Santos (organizadoras). *Nas Trilhas do Popular: Literatura e Educação*. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2006. 113p.

ZÓBOLI, Graziella. *Práticas de ensino: subsídios para a atividade docente*. São Paulo: Ática, 1998. 149p.

*Manoel Monteiro em Vídeo, Verso e Prosa*. DOC TV. Direção: Rodrigo Nunes. TVUFPB, 2007.